

A TRANSMISSÃO ESPORTIVA NO RÁDIO

POLETTTO, Thays Renata (Jornalismo/UNIBRASIL)
JACINTO, Angélica Pimenta (Jornalismo/UNIBRASIL)
ANDREATTA, Gabriela Silva (Jornalismo/UNIBRASIL)
KOTELAK, Gustavo (Jornalismo/UNIBRASIL)
ALMEIDA, Katheryne Loise Cunha de (Jornalismo/UNIBRASIL)
CAMPOS, Keimilin Thais de (Jornalismo/UNIBRASIL)
CAVALLI JÚNIOR, Marcelo Ferreira (Jornalismo/UNIBRASIL)
LAZZARI, Pietro Zeni de (Jornalismo/UNIBRASIL)

Resumo: Este artigo trata da história da evolução da transmissão esportiva futebolística no rádio brasileiro. Foi produzido a partir de pesquisas em diversos materiais, inclusive áudios de narrações esportivas, a fim de resgatar os principais fatos históricos ligados a esse tipo de transmissão no país.

Palavras chaves: Rádio, Esporte no rádio, Esporte, História do rádio

Este artigo preocupa-se com a evolução histórica da transmissão esportiva futebolística desde as primeiras transmissões, quando o rádio estava se popularizando, até os dias atuais. Para sua produção foi utilizada pesquisa bibliográfica e audição de materiais sonoros de transmissão esportiva. Os estudos fazem parte da produção de um radiodocumentário sobre o assunto para a disciplina de Laboratório de Radiojornalismo, do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário UniBrasil. Seu objetivo é estudar fatos importantes sobre a transmissão do futebol.

Em 7 de setembro de 1922 houve a inauguração do rádio no Brasil, como parte das comemorações do centenário da Independência. No início, as transmissões sobre o esporte no rádio se resumiam a boletins informativos e não se restringiam apenas ao futebol. Oito anos após a inauguração do rádio é que aconteceu a primeira narração esportiva do país, durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol em 19 de julho de 1931, com o locutor Nicolau Tuma, transmitido pela antiga rádio Sociedade Educadora Paulista (a primeira emissora de São Paulo, fundada em 1923). Na primeira transmissão esportiva no Brasil, no jogo que foi um marco histórico para o rádio, jogaram as seleções de São Paulo e Paraná, no Campo da Chácara da Floresta, no bairro Ponte Grande, em São Paulo. Nicolau Tuma foi o criador da narração de futebol como é conhecida atualmente: a

“narração em cima do lance”. Para se entender as dificuldades dessa narração, basta saber que, antes do jogo, Tuma foi até o vestiário dos jogadores para anotar as características físicas de cada jogador e assim poder identificá-los na hora da narração já que naquela época ainda não se usavam os números nas costas das camisas¹. Tuma também ficou conhecido por ser o criador do termo “radialista”². Em entrevista a José Mauro Pires, Tuma comenta que num congresso de rádio no Rio de Janeiro, usou o termo “radialista”. Ninguém entendeu e ele explicou sua teoria para a nova palavra: explicou dizendo que *radi* viria de rádio e *alista* de idealista, o que segundo Tuma, “retratava bem o profissional do rádio”. A partir de então, o termo se popularizou no país todo e é usado até os dias de hoje³.

A narração de Tuma, embora muito importante historicamente, não foi feita para todo o Brasil, no entanto. A primeira narração feita para todo o país foi de Gagliano Neto, em 1938, sete anos após a primeira narração esportiva. Gagliano narrou uma partida de futebol na Copa do Mundo daquele ano, ocorrida na França. A narração para todo o país se deu através da união de duas emissoras de São Paulo e duas do Rio de Janeiro.

No Paraná, em Curitiba, a primeira transmissão esportiva foi feita em 1934 durante o clássico “Atletiba”, em 2 de setembro de 1934 no “Estádio da Baixada” (campo do Atlético Paranaense), pela Rádio Clube (PRB2). A emissora ficou sendo a terceira do Brasil a fazer transmissão esportiva. Os locutores deste dia marcante foram Jacinto Cunha e Jofre Cabral. Eles se revezavam na transmissão do jogo. O estádio rubro-negro não tinha a estrutura necessária para essa novidade da comunicação. Portanto, o “jeitinho brasileiro” era necessário para que o equipamento técnico permitisse uma transmissão externa que durou mais de duas horas. Cunha e Cabral precisaram improvisar sobre um palanque para ter uma visão ampla do campo da partida e, assim, identificarem os jogadores e suas jogadas. Para quem não estava pessoalmente no jogo ou não tinha rádio para assistir em casa, o jogo foi

¹ HENRIQUE, Carlos. *O Futebol no Rádio Brasileiro*. Disponível em: http://futebolhistoria.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html. Acesso em: 20 out. 2015.

² SOARES, Edileuza. *A Bola no Ar: O Rádio Esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

³ ADAMI, Antonio. *Rádio com Sotaque Paulista: PRA-6 – Rádio Educadora Paulista*. Santos: Intercom – XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

transmitido também por auto falantes espalhados pela cidade de Curitiba, tendo a maior concentração de pessoas ouvindo na Praça Tiradentes, Centro da capital⁴.

Para realizar as transmissões de futebol no rádio, muitas adaptações foram necessárias. O grito do gol, por exemplo, no início, tinha o problema de ser abafado pelos gritos e manifestações dos torcedores nas arquibancadas. Uma das primeiras formas de marcar o gol de maneira que fosse ouvido por quem escutava rádio foi inventada pelo compositor Ari Barroso, em 1938, quando era locutor esportivo. Ele comprou uma gaitinha e tocava cada vez que um time fazia um gol. Outros narradores foram inventando outras formas de marcar o gol e mesmo outras passagens do futebol.

Até 1940, as narrações eram improvisadas, incluindo galinheiros e telhados vizinhos aos gramados como locais de transmissão. Em 1945, a Rádio Panamericana deu mais espaço aos esportes e modificou a estrutura da transmissão, com a criação das funções de comentarista e repórter - até então só o narrador contava os acontecimentos do jogo. Com a popularidade das narrações esportivas, mais emissoras passaram a transmitir futebol, como a Rádio Bandeirantes, em 1958. A rivalidade das emissoras elevou o nível dos profissionais e da programação⁵.

Em 1960, os modos carioca e paulistano de narrar foram fundidos pelo radialista Fiori Gogliotti, modificando a forma narrativa especialmente pelo uso de bordões. A partir dos anos 1970, a transmissão esportiva ganhou mais humor e irreverência, tendo se destacado os radialistas José Carlos Araújo e Osmar Santos, que revolucionou a forma de transmitir futebol, quando a televisão já dominava a atenção do público. Osmar trouxe de volta investimentos para o setor esportivo do rádio. Com locução descontraída e muito próxima da linguagem do ouvinte, ele trouxe audiência para o rádio. Osmar criou diversas expressões que marcavam sua locução, como "ripa na chulipa" e "pimba na gorduchinha". Da década de 80 em diante, as transmissões esportivas no rádio se modernizaram e se profissionalizaram, tendo ocupado espaço inclusive nas rádios de Frequência Modulada (FM), que ainda não era tão comum⁶.

⁴ LUSTOSA, Ubiratan. *O Rádio do Paraná - Fragmentos de sua História*. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

⁵ KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (org.). *Mídia Sonora em 4 Dimensões*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

⁶ Idem.

Atualmente, há algumas divergências de opiniões sobre a forma de transmissão esportiva conhecida como “tubo”, em que os radialistas transmitem os jogos de futebol sem estar no local do jogo, partir da transmissão da televisão (o “tubo”). Normalmente, a emissora envia um repórter ao local da partida e este faz as entrevistas, mas a narração é feita por radialistas no estúdio ou em outro local, distante de onde ocorre o jogo. Para Lacour, a melhor forma de se fazer transmissão esportiva é sempre no próprio local. Ele diz que a também no passado ocorria a transmissão sem se estar no local, porque não havia suficiente disponibilidade de linhas telefônicas para a transmissão local. Lacour explica que eram sorteadas as emissoras que poderiam fazer a transmissão local utilizando as linhas existentes. O radialista lembra que de histórias reais de profissionais que fizeram narrações sem estar nos locais e que, depois, viram que o fato era outro do que havia sido transmitido⁷. Existem profissionais, no entanto, que defendem a narração esportiva “à distância” porque ela é bastante econômica e nem todos os estádios estão preparados para a transmissão esportiva.

Ainda não há, no Brasil, uma cobrança financeira dos clubes ou outras instituições para a realização de transmissões esportivas no rádio, como é feito na televisão. Até os dias atuais, os programas de rádio esportivo tem grande audiência do público. Sem distinção de credo, cor e religião, esse tipo de programa desperta emoções, traz informação e entretenimento para todos que o buscam. E, o futebol ainda é o esporte mais presente nas transmissões do país do futebol.

ADAMI, Antonio. *Rádio com Sotaque Paulista: PRA-6 – Rádio Educadora Paulista*. Santos: Intercom – XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

HENRIQUE, Carlos. *O Futebol no Rádio Brasileiro*. Disponível em: http://futebolhistoria.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html. Acesso em: 20 out. 2015.

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (org.). *Mídia Sonora em 4 Dimensões*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

LACOUR, Josias. *80 anos de gol – a história do rádio esportivo no Paraná*. Curitiba: Instituto Memória, 2014.

⁷ LACOUR, Josias. 80 anos de gol – a história do rádio esportivo no Paraná. Curitiba: Instituto Memória, 2014.

LUSTOSA, Ubiratan. *O Rádio do Paraná - Fragmentos de sua História*. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

SOARES, Edileuza. *A Bola no Ar: O Rádio Esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.